

2. Fernão Lopes

➔ Manual · p. 103



Faixa 9

Lisboa cercada



07 min 35 s

Vou contar-te como me achei em Lisboa, estando a cidade cercada, como lutei e escapei a maiores males.

De nada me valeria ter escapado ao arraial castelhano se não encontrasse por onde entrar em Lisboa. Aldonça informara-se de que as portas da cidade estavam abertas durante o dia, guardadas por homens armados. A manhã mal raiava. Ainda não era chegada a hora de elas abrirem. No caminho para a porta de Santo Antão eu via aproximarem-se carros de bois e bestas transportando mantimentos para a cidade, muitos homens, mulheres e crianças, gente que vinha acolher-se dentro da cerca de Lisboa. [...]

À medida que me aproximava via reluzir em toda a cerca de Lisboa. O Sol mostrava-me encastoadada de brilhantes; eram, vistos de perto, escudos, lanças, dardos, bacinetes, bem mais preciosos numa cidade cercada.

Logo que passei a porta para o lado de dentro da muralha, tropecei numas tábuas trazidas certamente pelos carpinteiros. Ajudados por uns garotos, eles reforçavam ali os muros da cidade, armando um caramanchão de madeira na torre. Correndo, dizendo entre eles feios doestos contra os sitiante, chegavam homens e moços carregados de escudos, lanças, bestas, dardos e armaduras.

Homens e rapazes chegavam com padiolas a abarrotar de pedras para reparar os lugares da muralha que se esboroavam, o que era feito por mulheres. Começando pelos primeiros trapos em que embrulham os filhos, cabe às mulheres remendar os estragos feitos pelo tempo e pelos trabalhos. Ali remendavam as muralhas da cidade esburacadas pelo inimigo. [...]

Caminhando com muitas cautelas pela cidade, fui observando várias torres da muralha, todas elas preparadas da mesma maneira para a defesa e engalanadas de bandeiras, povoadas de soldados, até de frades e clérigos, que tinham trocado a santa cruz e o rosário, armas com que lutam pela fé, por lanças, virotões e arcos de besteiro.

Ao passar por uns campos encontrei bandos de donzelinhas apanhando pedras para grandes cestas e cantando. Se alguma hesitação tivera em voltar para Lisboa, ela se desvanecia no encontro com uma cidade mais viva, colorida e, poderei dizer, alegre, ainda que me apercebesse ser uma alegria preocupada. Preparavam-se todos para alguma coisa diferente das escaramuças diárias. Sentia-o. Perguntava-me se teriam os espias do Mestre sabido de qualquer nova forma de ataque dos castelhanos. Eu não vira no arraial nada que pudesse alertar para isso. [...]

Ofereci-me para ir no grupo de gente de pé que estava a ser escolhida para ajudar a guardar uma das trinta e quatro portas da cidade, para não acontecer qualquer entrada ou saída que aos de dentro trouxesse algum dano. Muitos não queriam tal posto por saberem ser junto das portas que se davam os mais brutais encontros com os inimigos que antes tentariam forçar a tomada da cidade britando as portas da muralha do que subi-la a descoberto com setas, pedras e dardos dos portugueses a zurzirem-lhes as carnes e a coragem. Eu quero sempre ficar perto das possibilidades de sair, ainda que isso represente maior perigo, por isso sempre me oferecia para a porta e não para as muralhas. [...]

A Ribeira continuou ocupada pelos navios de Castela, o que dificultava à cidade cercada receber ajuda e mantimentos. Imediatamente compreendi, o meu estômago é rápido a perceber o



que lhe interessa, que a fome ia chegar mais depressa a Lisboa, pois a escassez de tudo aumentaria na proporção das bocas, maior, depois de se acolherem a ela os homens da frota.

Durante as minhas primeiras noites de guarda, ríamos alto, bradávamos, cantávamos para fazer ouvir aos castelhanos que não havia medo mas sim esperança nos corações das gentes da cidade sitiada.

À medida que os dias iam passando, à vista do grande exército do rei de Castela e da Ribeira ocupada pelos seus muitos navios, andávamos perguntando uns aos outros quanto tempo aguentaria Lisboa assim cercada, sem a ajuda de mantimentos, cada dia mais difícil, pois que os castelhanos guardavam por fora as portas da cidade tão ciosamente como nós as guardávamos por dentro. E aumentando a fome, alguns metiam-se em batéis, saindo até ao Ribatejo em busca de trigo ou carne, umas vezes com sucesso, outras com perda de suas vidas.

Nas minhas andanças de reconhecimento antes do cerco, aprendera a localizar os sítios com frutos ou outras coisas da terra que pudesse colher sem grandes riscos de me fazer apanhar. Nas noites quentes desse julho cercado de ameaças, os meus sonhos não eram com medos, nem com sangue, nem com armas. Sonhava com pêsegos, com a seda da pele a roçar-me os lábios, a polpa saborosa a deixar-se penetrar por meus dentes, a doçura do sumo a escorrer-me da boca. De madrugada ia pela cidade até aos pomares onde vira pessegueiros carregados de pêsegos de S. João, mas a minha fome encontrava as árvores saqueadas dos frutos. Os donos os teriam colhido ainda verdes fazendo-os amadurecer em casa para depois os venderem caros. Não estavam mais ao alcance da gula de ratoneiros, sendo alimento de ricos e de pobres. [...]

Impacientava-me por ainda não ter chegado nenhuma notícia de peste no acampamento do rei D. Juan de Castela.

Nos muros não faltava gente para defender Lisboa com dardos, espadas e lanças. Até as crianças de mais idade vinham com abadas de pedras e as lançavam à sua maneira canhestra sobre o inimigo.

Desde a primeira à última noite em que fiz guarda, sempre o Mestre visitou as muralhas. O povo, seguindo-o, bradava: *Arraial! Arraial por D. João mestre de Avis. Regedor e Defensor do Reino e Portugal.*

Até chegar ao reino, saqueado pelos ingleses, corroído pela traição, invadido pela cobiça de um castelhano que o queria para si, poucas vezes eu tinha ouvido dizer Portugal. Ouvi pela primeira vez esta palavra em Lisboa, na boca da arraia-miúda.

NERY, Júlia, 2008. *Crónica de Brites*. Lisboa: Sextante Editora (pp. 145-149)

